

# O ALFAIATE

ANDRÉ TAKA

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Alinimar dos Santos

IMAGEM CAPA: © Depositphotos

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T136l TAKA, André. 1977 —  
O Alfaiate / André Taka – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.  
200 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-545-4

1. Romance. I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# 1

*Às vezes, a gente acha que atingiu o fundo do  
terror, desiste, e mesmo assim não morre*

CHARLES BUKOWSKI

Tão logo começou o programa, trilou o aviso de mensagem no celular. Desconhecia o número. Aguardaria o término da vinheta para sua entrada e, após as primeiras saudações no ar, olharia o SMS.

Diogo Francis fundara há quinze anos sua rádio comunitária, a Rádio Studio, e comandava um programa que era sucesso nas noites santistas. Falava sobre esportes, cultura, ocorrências policiais, eventos sociais e, claro, política regional. Fazia um estardalhaço junto aos políticos locais, que mantinham uma relação dicotômica de amor e ódio por ele, definitivamente era um sujeito que despertava essas reações maniqueístas.

Já teve muito reconhecimento no passado, fora o jornalista mais respeitado da cidade, talvez de toda Baixada Santista, pois desvendava a fundo os meandros da política sem deixar rastros de suas fontes, mas, por causa de uma denúncia que fizera — que não conseguiu comprovar —, caíra em descrédito. Mesmo assim, mantinha uma audiência fiel.

Era discretíssimo e perspicaz, mas, talvez por divulgar em forma de notícias os mais profundos e recônditos segredos do meio político, alguns o consideravam desleal e traiçoeiro.

Não se sabe ao certo se o apelido Raposa Felpuda se dava por conta de sua astúcia ou pela habilidade com ardis para descobrir as verdades, mas a alcunha pegou e até hoje ele mesmo propaga com orgulho o apodo em seu programa, o Segredos de uma Raposa Felpuda!

Saudou seu público no ar, leu as principais notícias do dia que seriam discutidas durante o programa. A última era sobre o time do Santos que perdera para o Nacional do Uruguai pela Taça Libertadores, por isso passou a palavra para o comentarista de esportes Pedro Sastre e, afinal, pegou o celular.

Olhou o WhatsApp primeiro, respondeu a umas duas pessoas e deixou umas três para abrir depois, pois se referiam à política da cidade. Saiu do aplicativo e abriu o SMS que alguém lhe enviara.

*Um grande furo. Igreja do Valongo.*

Por um instante, ele pensou em ignorar a mensagem. Seria mais uma denúncia fake ou notícia merda ou ainda apenas um chamado de atenção de algum munícipe, mas seu sentido vulpino lhe dizia que não deveria ignorar, que deveria ao menos verificar se realmente havia algo.

Eram onze e dez da noite e, como estava preso na rádio, só havia uma pessoa a quem pedir auxílio:

— Amilton, aqui é Diogo, estava dormindo?

— Não, Diogo, durmo tarde. Estava vendo um documentário aqui.

— Documentário? Hoje é sexta-feira! Todo mundo está na rua, tomando uma e tu<sup>1</sup> assistindo a um documentário?! —

---

1 Nota do Autor: na Baixada Santista, em especial em Santos, é comum as pessoas utilizarem o pronome pessoal do caso reto “tu” sem a conjugação adequada na segunda pessoa do singular, realizando a concordância com a terceira pessoa do

Diogo era extremamente sarrista e adorava tirar uma onda da cara do amigo.

— Diogo, na boa, o documentário tá melhor que o seu programa, então, vai me falar o que você quer ou posso desligar essa merda?

— Calma, Amiltinho, calma. Tô precisando de um favor.

— Diga.

— Pode cobrir um furo?

— Como assim? A essa hora?

— Sim, minha fonte me mandou agora.

— Puta que pariu, Diogo, não me fode. Hoje é sexta.

— Mas pra você não importa porque documentário é pra ver na segunda, então, não vem com essa de sexta.

— Ó, tem que ser algo muito relevante pra me tirar de casa

— Então, esse é o problema, eu não sei sobre o que é o furo.

— Como assim, caralho?

— Assim, ué, não sei.

— Não me fode, você não sabe sobre o que é o furo? E quer que eu saia de casa às onze da noite pra ver?

— Isso.

— A fonte é confiável pelo menos?

— Então, mais um problema. É anônima.

— Ah, tu tá de brincadeira comigo, né?

— Não, não tô não.

— Porra, e como é que você acha que vai me convencer a sair de casa e cobrir este “furo”? — falou com ironia.

— Com meu sentido vulpino.

— E quanto a mais?

— Amilton, tem que fazer pelo amor à profissão!

---

singular. Tal hábito, ainda que equivocado gramaticalmente será mantido no livro, em licença poética, por fazer parte dos costumes e da cultura própria da região.

— Amor à profissão não paga conta, sou neto de judeus, não lembra?

— Ó, vamos fazer o seguinte, se você cobrir eu te pago o de sempre. No entanto, se você for e não tiver porra nenhuma lá, eu te pago o dobro pelo aborrecimento.

— É “às vera” isso?

— Certeza, pode confiar.

— Tá bom, me fala o lugar.

— Valongo.

— Tá, em que parte?

— Na igreja.

— Cê tá de sacanagem, né?

— Não, não tô não, mas pode confiar que tem matéria.

— O dobro se não tiver nada?

— O dobro.

— Em dez minutos eu saio.

— Sabia que podia contar com você, Amiltinho!

— Tomara que não tenha porra nenhuma só pra você se foder — praguejou enquanto desligava o telefone.

O jornalista se trocou, pegou o celular, uma daquelas cadernetas de padaria, uma caneta e chamou o Uber. Nem precisou esperar, tão logo descera, o motorista já o esperava. Por conta do horário, levaram pouco mais de dez minutos da sua casa na Rua Cásper Líbero, no canal 1, até a Igreja do Valongo, no Centro, bem rápido.

O bairro já fora um bairro muito bem frequentado no passado, imponente nos áureos tempos do comércio cafeeiro, próspero, mas hoje em dia é um dos mais descuidados e perigosos da cidade.

Ruas esburacadas, desniveladas, calçadas sujas, armazéns abandonados, oficinas de caminhões, cortiços, moradores de rua, usuários de crack que perambulam pelo local compõem o

cenário no Valongo. A Secretaria de Cultura, instalada na antiga Estação de Trem que iniciava a rota Santos-Jundiaí, divide as atenções na região com o Estação Bistrô, um restaurante-escola muito bem falado na comunidade santista; o Museu Pelé do outro lado da rua; a icônica Igreja, bem colada ao restaurante, reconhecida como a mais bonita de Santos.

O motorista o deixou bem na frente da igreja que com um matreiro sorriso no rosto pediu:

— Pode esperar um minuto? Vou ganhar um dinheiro fácil em cima de um amigo.

— Tá bom.

O odor de enxofre pairava pelo local. Lâmpadas amarelas iluminavam os paralelepípedos das ruas e os morcegos que frequentavam as poucas árvores dali davam rasantes e voltavam para devorar os frutos. O ambiente era meio *noir* e Amilton, que já estava cansado de matérias em lugares sinistros assim, queria voltar logo para casa. Olhou para frente do santuário e não viu nada. Pegou o celular e mandou um WhatsApp para Diogo.

“Tô na frente da igreja, não tem nada. Me deve o dobro”.

Ele esperou o amigo visualizar e estava voltando para o carro quando tocou seu celular.

— Tá aí?

— Tô sim. Quer uma selfie?

— Não, não precisa. Tá na frente dela?

— Tô, porra.

— Não tem nada?

— Não, não tem nada aqui.

— Então entra.

— Cê é louco?

— Entra.

— Como vou entrar? Bato para o padre abrir?

— Não, dá um jeito, mas sem que ninguém saiba que está entrando.

— Tá me dando trabalho. Se não tiver nada não vai ser o dobro, vou exigir o triplo.

— Entra porque daqui a pouco o programa tá no fim, Amilton, tenho que dar esse furo.

— Mas você nem sabe se tem furo.

— Tem, tem furo sim.

— Como você sabe?

— Meu instinto, meu faro.

— Tá bom, vou entrar. Não adianta que tu é teimoso.

— Amilton!

— Oi, fala.

— Cuidado.

— Relaxa.

Ele dispensou o Uber, subiu e pulou as grades de ferro com proteções pontiagudas em cada uma delas, caminhou os dez passos que separam as grades da construção branca, de estilo barroco, datada de 1640. Chegou aos três arcos romanos abobadados que antecedem três portas no mesmo estilo, separados de uma quarta entrada, retangular, mais estreita, que não dava passagem para a nave.

Passou pelos arcos e tentou forçar a porta central que estava totalmente aferrolhada. Tentou a porta à sua direita, não parecia trancada. Como era pesada e queria entrar de forma sorrateira, empurrou-a lentamente e adentrou. Nenhum barulho. Luzes apagadas dentro da basílica.

Ligou a lanterna de seu celular, caminhou pé ante pé pela lateral da nave e não viu nada — “vou matar o Raposa” — pensava. Seguiu em direção ao altar, só ficava pensando que a última coisa que queria era ser descoberto pelo padre.



Não se recordava da última vez que estivera lá, mas, naquele momento, a mais bonita igreja da Baixada Santista encontrava-se silente, escura e fria. Mas ainda mantinha sua beleza, ainda que sombria.

Chegara perto do altar, na divisão entre os fiéis e o lugar do pároco. Não sabia se era alguma imagem, mas parecia que havia algo atrás da mesa onde se celebra a eucaristia.

Aproximou-se ainda mais do altar com a lanterna do celular clareando o local, mas não conseguia enxergar o que era. Prosseguiu até seus olhos desvendarem aquela sombra. Um arrepio gelado veio de sua espinha até os cabelos, não estava acreditando no que parecia ser, estava de costas para ele, virado para o fundo do altar, em direção à imagem de Santo Antônio do Valongo com o Menino Jesus no colo. Seu estômago embrulhou. Uma lágrima caiu. Pegou o celular, clicou na conversa com Diogo, tocou no ícone da câmera e, com a ajuda da lanterna e do flash, tirou a foto e enviou. Depois mandou um áudio:

— Raposa, tá aí teu furo. Agora, pelo amor de Deus, chame a polícia pra cá!

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2019.

---